

SUPLEMENTO  
HUMORISTICO DE

O SÉCULO



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Século, 43 — Lisboa

# À UNHA!



— Cautela, que o bicho é de sentido e já derrotou uns poucos de forcados! —





## PALESTRA AMENA

## A pena de morte

Um jornal, que de vez em quando nos relata curiosidades muito de apreciar, é o «Seculo», na sua edição da noite, que ainda ha pouco, a proposito de uma greve de carrascos na Alemanha, fazia a historia resumida da legislação de varios paizes sobre a pena ultima. Aflemos que a maneira de matar o proximo legalmente varia de nação para nação, d'af soubemos que a guilhotina não é invenção inglesa, como muitos supõem, mas um «melhoramento» de certo sistema escossês e d'af, tambem, pudemos medir o grau de «civilização» de cada povo, com respeito ao assunto.

Concluiu o redactor, que se den ao trabalho da compilação, por felicitar Portugal, onde foi abolida semelhante penalidade, mas não nos diz se a maioria dos portuguezes aprova ou reprova tal resolução. E' natural que aprove, porque as leis não existem, em geral, senão quando sancionadas pelo publico...

Pois sim, mas o que nos parece é que não devemos concluir, do facto de não termos a pena de morte que os nossos costumes sejam mais doces do que os de outro povo que a tenha. Repugna-

nos a morte do nosso semelhante? Certamente que sim, a quem tenha o coração bem formado, como quem escreve estas linhas e o leitor que as lê. Mas ao passarmos os olhos pelo noticiario das folhas diarias não temos remedio senão convir em que a morte violenta do homem não repugna a muitos individuos, não sendo provavel que a repugnancia se desse quando a morte fosse por execução legal, visto que se não dá quando é criminoso.

E já agora contemos que, achando-se ha anos o palestrador aqui presente, de passagem n'uma cidade fronteiriça, um grupo de amigos o convidou para ir assistir a uma execução pelo garrote, n'uma povoação espanhola proxima. Não aceitou o convite, mas os rapazes lá foram alegremente em carriola, com farneis, cantarolando e voltaram no dia seguinte um nadinha enjoados mas acordando em que o espectáculo tinha valido a pena...

E a verdade é que qualquer d'eles era incapaz de matar uma galinha—coisa, que, aliás, fazem todos os dias algumas pessoas de cuja delicadeza de sentimentos não é licito duvidar.

J. Neutral.

## O «Az» no Governo Civil

Até que enfim se encontra á frente do distrito uma autoridade que completamente nos satisfaz: é o sr. Lelo Portela cidadão não só delicado, visto que apresentou os seus cumprimentos á imprensa, em vez de com ella repontar,



como muitos dos seus antecessores, mas tambem aviador notavel, isto é, apto a vêr as questões lá do alto e a pairar acima das paixões da humanidade.

Como consequencia de tão prometedora nomeação, já consta que a policia será feita de aeroplano, resolvendo-se assim o problema de policia toda a cidade com tres ou quatro guardas, que tantos são os que d'aqui a dias restarão, visto que se demitem diariamente uns trinta. Af a mil ou dois mil metros, com um oculo, avista-se a cidade toda e facilmente quem tenha bom olho pode observar uma desordem no bairro alto e ao mesmo tempo um assalto de gatunos no bairro da Graça, uma contravenção de posturas em Belem, etc.

Até já por af se diz, ao menor esboço de rebelião:

—Toma cautela com o «az»!

## Torre de chifre

## Crianças...

São pequenicas  
As criancinhas  
De mãos mui finas  
Coitadinhas!

Cabelo loiro  
Anelado  
Parece oiro  
Em sol banhado.

Sempre brincando  
Junto dos pais  
Vão deslizando  
Sem dar ais.

Brincam em jardins  
Nas alamedas,  
Os querubins.  
De idéas ledas.

Ah! quem não ha-de  
Admira-las  
Na liberdade  
E doces falas!

E que saudade  
Da nossa infancia  
Rosa em verdade  
Da maior fragancia!

Vinde a meus braços  
Oh pequeninos,  
Tomai abraços  
Anjos divinos!

Maria J. Celeste.

## Carta d'um boi

Pedem-nos a publicação do seguinte :

«Sr. redactor :

Quem lhe escreve é o boi a que se refere a sua local no «Seculo Comico» e que tendo sido embarcado n'um comboio não chegou ao seu destino, pelo que os jornais concluíram que eu tinha sido roubado no tracto. Não me sofre o animo o ver acusar alguém injustamente, por isso venho declarar-lhe que ninguém mo roubou, nem eu tal consentiria. O caso passou-se do modo seguinte: meteram-me n'uma carruagem ordinarrissima — quando tantos animais de inferior categoria viajam em 1.ª classe! — juntamente com a vaca, minha esposa, senhora de saude melindrosa e ainda convalescente, por ter dado á luz ha pouco tempo.

No compartimento asfixiava-se e o espaço era tão pequeno que os meus chifres e os da minha citada esposa to-



cavam com as pontas nas paredes. Começou, pouco tempo depois da partida, a minha companheira a sentir-se peor, a revirar os olhos e vi que estava prestes a desmaiar. Ora como v. sabe, em comboios portuguezes não ha campainha de alarme. Que havia de fazer? Com uma cornada arrombei a portinhola e aproveitando a occasião em que o andamento do comboio afrouxava, tomei minha esposa entre os braços e com ella saltei para a linha, sem que felizmente nos magoassemos.

Esta é que é a verdade dos factos, que, se por um lado isentam os empregados da Companhia dos Caminhos de Ferro de qualquer culpa, por outro condenam a mesma companhia, por não possuir, para os animais da minha especie, de qualidades muito superiores ás de muitos homens, compartimentos em condições de hygiene e de conforto que lhes permitam viajar sem precalços. Se nós, os machos, não lhes merecem os tais condescendencias, ao menos tenham-se em atenção as damas e atrele-se a cada comboio uma carruagem em boas condições, com o leteiro «Para vacas só».

Pela publicação d'esta carta se confessa mt.º abg.º.

O boi, que v. disse que tinha sido roubado.

## Ne vouloir être rien

Fóra do praso, recebemos uma excelente tradução da poesia «Ne vouloir être rien», por Marco Antonio. Se tivesse sido apresentada ao júri receberia menção honrosissima; quiçá o premio.





## Especialistas

Os senhores sabem naturalmente que temos medicos de «doenças gerais» e «especialistas», como se no curso medico não se estudasse todo o corpo humano e respectivas afecções. O que não sabemos se já lhes aconteceu foi o que aconteceu ao nosso amigo Ambrosio dos Achaques, o qual, achando-se um d'estes dias adoentado da cabeça, foi consultar um dos fatis medicos de «doenças gerais», que depois de o examinar, declarou :

— Isto é do estomago. Vá procurar o dr. XX, que é especialista de doenças de estomago.

— Quanto lhe devo ?

— Cinco mil réis.

Pagou Ambrosio dos Achaques e dirigiu-se ao especialista, que lhe deu duas pançadinhas e logo sentenciou :

— Isso é do figado.

— Tenho de consultar um especialista de mindezas ?

— Do figado, apenas do figado. O doutor XXX.

— A v. ex.<sup>a</sup> quanto tenho a pagar ?

— Cinco mil réis.

O especialista figadal encostou o ouvido á região suspeita e sorriu :

— Tudo baço. O baço é que não está bom.

— Então receite v. ex.<sup>a</sup> qualquer coisa para o baço...

— En ?! Isso é com o especialista de doenças do baço, com o doutor XXXX.

Ambrosio entregou cinco mil réis e encaminhou-se para o consultorio do especialista bacico, que lhe rufou com as pontas dos dedos na pele da barriga e logo percebeu que o cliente sofria dos rins.

— N'esse caso...

— N'esse caso, o meu colega XXXXX é que é especialista de rins.



Os cinco mil réis da ordem e caminhada para casa do dr. XXXXX, que chamou nomes feios a todos os colegas que até ali tinham examinado o Ambrosio e que declarou que sem uma analise da urina nada podia diagnosticar. Receberam os cinco mil réis, mandou que Ambrosio no dia seguinte lhe levasse o liquido urinario, de 24 horas, analisou-o com tempo e paciencia e d'ali a tres dias Ambrosio voltou pela resposta, tendo dado mais cinco mil réis pela analise.

— A urina não tem nada anormal. De que se queixa ?

— Ha oito dias, respondeu o doente, queixava-me d'uma dor de cabeça, mas agora, com franqueza, já me não doí nada... O que tenho é uma unha encravada no dedo meiminho da mão esquerda...

— O' homem ! porque não disse lo-



## EM FOCO

## Magalhães Lima

*Oijo dizer a todos com respeito  
Que este doutor é Grão ou semelhante;  
Que ele o seja ou não seja, passo adeante  
E que lhe faça muito bom proveito.*

*O que posso dizer, como insuspeito,  
E' que foi sempre cidadão prestante,  
Bom português, espirito brilhante,  
Que outro não ha mais puro e mais perfeito.*

*Faz anos, vinte e cinco ou não sei quantos,  
(Porque n'esses segredos não me meto)  
E peço com fervor aos varios santos,*

*Com desculpas, por ser em tom faceto,  
Que ele conte com jubilo outros tantos  
E eu lhe faça em tal dia outro soneto.*

BELMIRO.

go isso ? Vá imediatamente ao doutor XXXXXX, que é especialista de unhas encravadas no meiminho da mão esquerda e verá que isso passa-lhe...

A' hora presente o Ambrosio já depende tres contos de réis e vai amanhã consultar um especialista de doenças dos paizes quentes, porque ao ultimo medico que o examinou (um especialista de afecções da pele do calcanhar direito) cafu em dizer que tinha estado alguns anos em Africa.

Haverá quem não acredite n'esta historia, mas creiam que tem um grande fundo de verdade.

## o que nunca falta

Falta açucar...  
Falta manteiga...  
Falta feijão...  
Falta carvão...  
Falta arroz...  
Falta carne...  
Falta leite...  
Falta azeite...

Falta um rór de coisas—por mais que nos digam que isto não passa de boatos—mas ha uma coisa que nunca faltou, nem falta, nem faltará.

— Que será ?

Ora! que será! E' o vinho! Entrem vossorias em qualquer taberna, peçam meio litro e verão se são ou não servidos. E' carinho, lá isso é—mas a abundancia do sumo da uva, mais ou menos misturado com outros ingredientes, é sempre a mesma, assim como a abundancia dos freguêses que o procuram.

Parece até que a quantidade de vinho aumenta na razão inversa do quadrado da dos generos de primeira ne-

cessidade e por isso vemos muitos mais bêbados do que esfomeados; é porque o organismo do português parece que pede mais boa pinga do que boa alimentação, e assim se explica tambem



que toda a gente anda por aí muito satisfeita, apesar da carestia e da falta de generos, e encha animatografos, teatros, circos, praças de touros, recintos de bailes, etc. etc.

Está tudo borracho, é o que é.

## Correspondencia

L. S. (Santa-em). — Reservamos para a Torre de chifre um pequeno espaço, pelo que não será servido. Aí vai uma das suas quadras, e está com sorte.

*Maldita politica portuguesa  
Que assim animas paizões!  
Não vês, por exemplo, a inglesa  
E a d'outras civilisadas nações?*

Almeida S. V. — Outro com a mania de fazer versos. Porque não faz botas, que rendem tanto dinheiro ?



# FAUNA PERIGOSA



A giboia